

Vendo em jôgo sua própria existência,  
esta pequena comunidade do Maine usou de  
imaginação—e generosidade—para obter  
nova oportunidade na vida

# A Ilha que Não Tinha Crianças

*Condensado de THE SATURDAY EVENING POST*

JOHN SKOW

**O**S HABITANTES de Frenchboro, no Maine, olham o mar—êles são ilhéus e pescadores de lagosta—e até há pouco tempo não havia mais o que conversar com gente de fora da ilha apenas acabasse o assunto do alto custo das lagostas. Em Frenchboro só há 25 famílias, e é a única cidade de Long Island, ilha não muito comprida nem muito larga, a umas oito milhas marítimas de Ellsworth. A cidade não tem médico, nem advogado, nem padre residente, nem bar, nem restaurante, nem loja, nem cinema, nem boliche.

Por outro lado, Frenchboro carece de crime, delinqüência infantil, embriaguez em público ou doenças

mentais. Tampouco há miséria que necessite de assistência social; os pescadores de lagostas ganham bem.

Mas há mais que dizer a respeito de Frenchboro. Esplêndidamente localizada entre outras ilhas, Long Island tem veados, castores, faisões e orquídeas selvagens em seus bosques de pinheiros. A linha da costa, coberta de blocos erráticos de granito, abre para uma baía protegida, em volta da qual a cidade se enrosca agradavelmente. As casas são pequenas e simples—construídas há muitos anos pelos próprios pescadores de lagostas, em horas roubadas a contragosto à pescaria—mas os cais que aparecem com suas estacas de fora,

na maré baixa, são grandes e sua desordem agrada à vista.

A ilha impõe poucas privações aparentes; o clima é mais ameno do que no continente, e até o isolamento do povoado é enganador. A televisão e o rádio dão as notícias do continente. Duas vezes por semana, há uma barca de carga, e nos outros dias há sempre o barco de lagosta de alguém que vai a terra.

Os habitantes de Frenchboro são sóbrios e espertos, e sabem dar valor ao que têm. Entretanto, na história de Frenchboro há uma série de cifras perturbadoras. Em 1900, a população da colônia era de 174 habitantes. Em 1932, de 117, e em 1956, de 67. Alguns anos depois, o número tinha baixado para 55. Eram os jovens que estavam partindo, tal como no decorrer do século passado os jovens tinham deixado outras aldeias da Nova Inglaterra. Mas, no caso de Frenchboro, não tem sido o dinheiro o motivo do êxodo. Há redatores de publicidade que pagam menos imposto de renda do que um pescador de lagosta do Maine.

Mas um morador de Frenchboro tinha de sujeitar-se a ir para casa à noite e ficar sentado em sua cozinha, olhando as môscas. Nos outros lugares, a maneira de viver estava mudando. Nos novos subúrbios, um camarada ia para casa à noite e sentava-se na sua sala. Enquanto tomava um coquetel, podia discutir com a mulher as fascinações urbanas que não existiam em Frenchboro. Sempre estava acontecendo alguma coisa

—uma noite de boliche, uma campanha de caridade, um automóvel que batia num poste. Em Frenchboro nunca acontecia nada.

Há outros motivos para o declínio de Frenchboro; um deles é que algumas das crianças da ilha iam para a universidade e lá lhes ensinavam que a pesca de lagostas não era uma das artes liberais—mas a verdadeira razão parece ter sido o fato de a ilha carecer totalmente das civilizadas apoquentações modernas.

Fôsse o que fôsse, as casas estavam vazias. O serviço de barcas, que faziam uma viagem por dia, foi reduzido para duas viagens por semana. Quando morreu o último lojista, há alguns anos, ninguém se deu ao trabalho de reabrir a loja dêle. A cidade estava parando, e ninguém se lembrava de como dar-lhe corda.

Então, em 1964, os habitantes de Frenchboro, que a essa altura estavam, em sua maioria, na meia-idade ou velhos, acordaram sobressaltados: só restavam duas crianças na escola de uma única sala que havia na ilha. As autoridades estaduais, que pagavam cêrca da metade dos 4 500 dólares necessários ao funcionamento da escola, anunciaram que iam retirar o subsídio.

O que aconteceu então mostra que, embora Frenchboro fôsse pequena demais para ser uma cidade sadia, ainda era uma comunidade incrivelmente forte. As alternativas eram duras. Se a escola fôsse fechada, Frenchboro perderia a família de David Lunt. O jovem Davey, ga-

rôto do primeiro ano primário, louro e petulante, que já naquela idade sabia atracar um pesqueiro de 12 metros, e seu irmão Danny, de quatro anos, que ia entrar para o jardim da infância no ano seguinte, eram pequenos demais para serem mandados para o colégio interno. Os Lunt teriam de mudar-se para o continente. Mas, para que a escola continuasse funcionando, as taxas escolares pagas pelas 25 famílias teriam de ser duplicadas.

Nunca se cogitou realmente de fechar a escola, e não se tratava apenas de perder os Lunt, embora ninguém quisesse que isso acontecesse. Havia algo de mais perturbador, não mencionado, no espírito de todos.

“Nós achávamos que uma cidade devia ter uma escola”, disse Bennie Davis, autoridade de Frenchboro, querendo dizer: “Nós achávamos que devia haver uma cidade.”

E assim foi que, durante mais de um ano, os pescadores de lagostas arcaram com tôdas as despesas da educação dos dois garotinhos de Lunt.

Ninguém sabe dizer quem foi o primeiro que teve a idéia de tentar salvar a escola de Frenchboro. De qualquer forma, não houve nenhuma reunião formal, e não foi necessário empregar muita persuasão. A idéia foi, apenas, que, se a escola precisava de crianças, a cidade teria de encontrá-las. Não havia tempo para criá-las, de modo que as crianças tinham de vir já prontas. Quem possuía

crianças em idade escolar, em quantidade? O Estado. Então os habitantes da cidade pediram à Secretaria de Saúde e Assistência do Maine um número suficiente de crianças adotadas para lotar a escola.

Do ponto de vista do Estado, o isolamento de Frenchboro fazia a solicitação parecer absurda. O supervisor de assistência infantil do distrito, um môço chamado Charles King, reagiu imediatamente contra a idéia. Mas, depois que três diferentes delegações de ilhéus lhe fizeram o mesmo pedido, King disse a Bennie Davis que iria lá.

Em sua primeira visita à ilha, King percebeu que Frenchboro não era a favela rural inacessível que êle esperava encontrar. Os assistentes sociais poderiam ir à ilha de barco pesqueiro, e, para as emergências médicas, havia um helicóptero num pôsto da Guarda-Costeira, que ficava próximo. Depois de conversar com os ilhéus, escreveu: “Tive a impressão nítida de que, embora o problema monetário da escola possa existir, há também necessidade de crianças ali. Essas crianças passarão rapidamente a pertencer à ilha.”

Dentro de alguns meses, Frenchboro tinha duas novas moradoras, duas irmãs magrinhas e assustadas, de nove e 11 anos. Isso foi em agosto de 1965. Um garôto de quatro anos e outro de 13 chegaram pouco depois, seguindo-se um bando de oito irmãos e irmãs. De repente, a ilha e a escola de uma única sala vibravam com a algazarra de crianças.

Os oito irmãos e irmãs que foram despachados para Frenchboro, segundo King me contou, estavam vivendo só de batatas quando o Estado tomara conta dêles.

—Moravam com a mãe e o padrasto desempregado num casebre aquecido por aquecedor de lenha, e, quando fomos buscá-los, estavam arrancando ripas das paredes para servir de lenha para o fogão. Todos tinham piolhos.

O menino de quatro anos, que chegara antes em Frenchboro, escreveu King num relatório, “era um guri patético, que não tinha aprendido a falar, não sabia brincar, não aprendera a não sujar as calças, e passava a maior parte do tempo olhando para o vazio”.

—Dê uma olhada em Anthony quando você chegar à ilha—disse King.—Êle mudou um bocado.

Fiz a viagem do continente no barco de iscas de Charlie Hooper, e passei a noite com Bennie Davis, que por cordialidade generalizada se tinha nomeado o hoteleiro gratuito da cidade. Conversamos sôbre a pesca de lagosta durante o café da manhã, e depois saí para ir à escola. Era um dia frio de dezembro; pelas janelas da sala de aula via-se a espuma das ondas arrebentando na entrada da baía. Era bom sentir o calor da grande sala tão usada. Sessenta anos de cola de livros, papel pardo e veludo piquê úmido tinham dado àquele lugar um odor que penetrava vivamente na memória da gente.

Uma escola ativa com uma única

sala é um espetáculo de feras—como manter os tigres em seus banquinhos, enquanto se ensina os leões a multiplicarem frações? O Professor Jim Trux, de 26 anos e muito calmo, tinha 11 de seus 13 alunos absorotos em seus cadernos de Aritmética quando entrei. Dois meninos de cinco anos, um dêles o triste Anthony que King mencionara, pulavam diante da mesa de Trux, estourando de sabedoria.

—Vocês conhecem essa letra, não é?—dizia Trux, apontando para uma grande letra de imprensa numa cartilha, e os garotinhos gritavam “Bê, Bê, Bê”, e Trux passava a outra letra.

Um garôto de nove anos, chamado Timothy, levantou-se de sua carteira e jogou o seu caderno sôbre a carteira de uma menina de 13 anos chamada Phoebe, e Phoebe pacientemente resolveu um problema de Aritmética para êle, e depois ficou a olhar enquanto êle fazia um sôzinho. Trux mandou os dois garotos de cinco anos brincarem no canto do jardim da infância, e, como o dia estivesse frio e nublado, começou a falar sôbre neve para as crianças mais velhas. Quem se lembrava da neve? Muito bem, Robert, venha aqui para a frente e fale-me sôbre a neve.

Robert foi, pôs as mãos atrás das costas, e contou tudo de uma só vez. Outras crianças tomaram o lugar dêle; as lembranças da neve foram um grande sucesso. Mas então Trux falou sôbre o Natal; como foi o primeiro Natal de que você se lembra?

Davey Lunt, que não era criança adotiva, tinha muito que dizer, mas ninguém mais falou muito sobre isso. Para várias crianças daquela sala, Natal significava comer batatas e queimar ripas para se aquecer.

Os pais adotivos ganham 55 dólares por mês para cada criança que hospedam.

—Claro que custa mais—disse a Sr.<sup>a</sup> Sanford Lunt, que tem duas crianças adotadas, o garôto Anthony e outro de sete anos chamado Kevin.

Mas a ilha criou alma nova desde que as crianças chegaram, disse ela.

—Nós todos arranjamos fantasias para êles, e demos uma festa. E êles têm trenós, e vamos ter patinação aqui novamente.

Anthony correu para a sala onde estávamos conversando, agarrou a Sr.<sup>a</sup> Lunt pelos joelhos, e saiu correndo de nôvo.

—Os meninos tinham de chamarmos de alguma coisa, e então sugerimos vovó e vovô. Durante algum tempo, êles nos chamaram assim; e depois Kevin começou a dizer mamãe e papai. Agora os dois nos chamam assim.

O único problema que restava a Anthony, dizia o relatório de King, era o receio que tinha de que os assistentes sociais o tirassem dos Lunt.

Quase tudo o que acontece em Frenchboro pode ser visto ou adivi-

nhado olhando de uma janela, e agora o que chama a atenção numa cidade que quase havia parado é o movimento constante de crianças. Meninazinhas correm pela rua de volta da escola a caminho de casa; meninos de nove e dez anos emperdigam os ombros e treinam andar como homens a caminho do cais das lagostas. Os adultos andam menos; perderam o gôsto disso. Mas em Frenchboro encarregam as crianças de fazer mandados e depois ficam à janela, divertindo-se vendo-as andar.

Nem todos os problemas de Frenchboro estão resolvidos—a população adulta da cidade continua terrivelmente baixa—mas, vista por qualquer prisma, a experiência dos ilhéus foi um sucesso extraordinário. A escola tem tôdas as crianças de que precisa. As outras crianças adotivas, ao que parece, certamente ficarão na ilha até chegarem à idade de ir para o colégio interno no continente, e mesmo então poderão voltar para seus pais adotivos durante as férias.

No que diz respeito a Charles King e seus superiores na assistência infantil, o único problema sério da indestrutível ilhazinha é que só exista uma assim. O pessoal da assistência social do Estado passou muito tempo tentando descobrir outro Frenchboro em algum lugar, mas chegou à conclusão de que não existe.



**C**UIDADO com o homem que sabe a resposta antes de ouvir a pergunta.

—Deputado Oren Harris, dos Estados Unidos